



JUNGES, Claudete Teresinha¹

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E APRENDIZAGEM: REFLEXÕES ACERCA DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

Resumo: Este estudo tem o objetivo de refletir sobre a aprendizagem, a partir da concepção apresentada nos escritos da obra clássica de Paulo Freire, “Pedagogia do Oprimido” (1987). Com metodologia qualitativa hermenêutico-bibliográfica, categorizamos quatro questões essenciais ao processo educativo, que se tratam, primeiramente, da conscientização; em segundo lugar, a percepção de si como produtor e produto da história; o terceiro ponto é a prática social e a relação das pessoas na história como chegada e partida do processo educativo; e como quarto ponto, destacamos a relevância da aprendizagem para o desenvolvimento humano. Os resultados dessa reflexão evidenciaram que Paulo Freire deve continuar presente na interlocução dos processos pedagógicos, porque, conforme verificamos em seu registro, educar não pode simplesmente representar um repasse de conhecimentos aos estudantes. Implica, além de socializar os saberes construídos pela humanidade historicamente, possibilitar ao educando a compreensão de si no processo histórico vivido com suas contradições e possibilidades, fazendo da aprendizagem a ponte emancipatória para seu desenvolvimento pessoal e social.

Palavras-chave: Aprendizagem; Paulo Freire; pedagogia do oprimido; ensino.

Abstract: This study aims to reflect on learning, based on the conception presented in the writings of Paulo Freire’s classic work, “Pedagogy of the Oppressed” (1987). With a qualitative hermeneutic-bibliographical methodology, we categorize four essential questions to the educational process, which are primarily about awareness; secondly, the perception of self as producer and product of history; the third point is social practice and the relationship of people in history as the arrival and departure of the educational process; and as a fourth point, we highlight the relevance of learning for human development. The results of this reflection evidenced that Paulo Freire must continue to be present in the interlocution of pedagogical processes, because, as we verify in his register, education can not simply represent a transfer of knowledge to students. It implies, in addition to socializing the knowledge built by humanity historically, to enable the student to understand himself/herself in the historical process lived with its contradictions and possibilities, making learning the emancipatory bridge for personal and social development.

Keywords: Learning; Paulo Freire; pedagogy of the oppressed; teaching.

1. INTRODUÇÃO

A estruturação teórica deste escrito está ancorada nas perspectivas de Paulo Freire, e justifica-se pela consideração ao autor como o mais importante interlocutor da teoria crítica² em educação no Brasil. Refletir sobre a aprendizagem, de forma crítica, no contexto dos processos escolarizados de educação, é demonstração da responsabilidade da escola, dos educadores com as pessoas e o mundo e perspectiva central do pensamento freireano.

¹ Orientadora Educacional da Rede Municipal de Ensino de Anchieta/SC; Graduada em Pedagogia; Pós graduada em Séries Iniciais, Educação infantil e Psicopedagogia; Mestre e doutoranda em Educação nas Ciências na Unijuí

²A teoria crítica em educação é o campo do conhecimento que propõe uma lógica de escola em que o ensino seja propositivo do conhecimento que a humanidade produziu, com uma tomada de consciência e de resistência à reprodução dos valores das classes dominantes. Envolve uma ligação da crítica com a transformação da sociedade, com a criação de um mundo melhor, uma sociedade mais justa.

No decorrer deste estudo, realizo uma contextualização da vida de Paulo Freire relacionada ao contexto da produção do livro *Pedagogia do Oprimido*; em seguida trago ao texto algumas reflexões referentes à aprendizagem presentes na obra e, para finalizar, será analisada a relevância da obra *Pedagogia do Oprimido* aos processos educacionais de escolarização no momento contemporâneo.

Com relação à aprendizagem, objeto de reflexão do estudo realizado, categorizamos quatro grandes linhas que embasam os processos de aprendizagem e que consideramos ser um fundamento coerente às ações educativas hodiernas. Destacamos conscientização, como um aprendizado de leitura crítica do mundo; problematização a partir da práxis, como um processo de perceber-se como criador e criação da história. No processo educativo, a chegada e a partida têm como fundamento a prática social dos sujeitos e a relação dos participantes com o mundo. Outro destaque que realizamos é a humanização, aprender a ser mais, perceber-se perante os desafios que a sociedade propõe e buscar a sua superação.

2. CONTEXTO HISTÓRICO DA OBRA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Paulo Freire nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 10 de setembro de 1921 e durante sua trajetória de vida e trabalho sentiu as adversidades que o povo trabalhador sente, no sentido da exclusão e das mais diversas injustiças vividas. Traduziu na sua filosofia a esperança em uma sociedade melhor. É considerado um dos grandes pensadores da educação crítica mundial. Até 1997, ano em que morreu – com ideias muito vivas nos ideais de uma sociedade mais fraterna e igual - trouxe em seus escritos, experiências, testemunhos e conceitos fundamentais para pensar a aprendizagem em ambientes de educação escolarizada ou informais.

Pedagogia do oprimido é fruto da reflexão a partir de experiências que evidenciaram um momento social de esperança e transformação no Brasil, em que foram organizados círculos de cultura³, com a intenção do povo organizado e

tornada política pública pelo governo João Goulart, que esteve no governo até março de 1964, quando foi destituído por um Golpe Militar. Em sua obra, Paulo Freire reflete as teorias que fundamentavam as práticas e as metodologias utilizadas no trabalho de educação do povo. Todo este contexto social, misturado à constituição do autor que convivendo ali se compromete cada vez mais no trabalho com as pessoas, está descrito na *Pedagogia da Esperança*⁴.

Os anos distantes de minhas experiências no SESI, de meu aprendizado intenso com pescadores, com camponeses e trabalhadores urbanos, nos morros e nos córregos do Recife, me haviam vacinado contra a arrogância elitista (FREIRE, 1992, p. 47).

Paulo Freire, conforme descrições no livro *Pedagogia da Esperança*, com a instauração da Ditadura Militar no Brasil, foi exilado para a Bolívia em outubro de 1964 e logo em seguida para o Chile, haja vista que na Bolívia outro golpe de Estado o surpreendeu. Em novembro do mesmo ano passou a viver no Chile, onde permaneceu até 1969. Foi neste contexto que escreveu o Livro *Pedagogia do Oprimido*, numa sensação de esperança que se expandia no Chile, com um clima de euforia pela posse de um governo democrático cristão no país. “Foi vivendo a intensidade da experiência da sociedade chilena, da minha experiência naquela experiência, que me fazia repensar sempre a experiência brasileira, cuja memória viva trouxera comigo para o exílio, que escrevi a *Pedagogia do Oprimido* entre 1967 e 1968” (FREIRE, 1992, p. 53).

Os escritos originais de *Pedagogia do Oprimido* foram primeiro traduzidos ao inglês, espanhol, italiano, francês e alemão. Somente em 1970, quando Paulo Freire residia em Genebra, na Suíça, os originais em português foram enviados ao Brasil, através de um professor da Universidade de Genebra, que veio em missão diplomática ao Brasil e os entregou ao diretor da Editora Paz e Terra, porém sua primeira impressão no Brasil somente foi possível no ano de 1975, quando o país já estava em tempos mais favoráveis.⁵

³O círculo de cultura é o símbolo mais adequado à lembrança das experiências de cultura e de educação popular realizados no Brasil e na América Latina a partir dos anos 1960. Vindos seja da psicoterapia, seja de trabalhos com comunidades, aqueles são anos de descoberta de diferentes modalidades de vida, de aprendizagem, de trabalho e de ação social vividas entre o círculo e a equipe (BRANDÃO, 2010, p. 69).

⁴*Pedagogia da Esperança*, livro escrito por Paulo Freire no ano de 1992 e que realiza um reencontro com a *Pedagogia do Oprimido*, quando o autor vai refletindo sobre a constituição prática e teórica de si e de seu livro clássico.

É bom lembrar que o modelo de educação vigente no Brasil naquele período, para as poucas pessoas que tinham acesso, era o modelo tradicional, conforme sublinha Gadotti (1995, p. 90)

o iluminismo educacional representou o fundamento da pedagogia burguesa, que até hoje insiste predominantemente na transmissão de conteúdos e na formação social individualista. A burguesia percebeu a necessidade de oferecer instrução, mínima, para a massa trabalhadora. Por isso, a educação se dirigiu para a formação do cidadão disciplinado.

Em um contexto de participação social crescente, espaços democráticos em evidência na sociedade, já não cabia uma escola em que os sujeitos eram considerados irrelevantes, ou que estivessem ali apenas como memorizadores de conteúdos repassados por um professor que sabe. Neste período, avançam as críticas em relação à repetição como o principal método de aprendizagem. Nos círculos de cultura, em que os adultos trabalhadores, já com grande experiência de vida participavam, não cabia dizer que o professor deveria ser o único repassador de conhecimentos. Era um espaço de muita socialização e troca de conhecimentos. Nesse sentido, a grande questão que Freire chama atenção é a necessidade de levar em consideração a experiência das pessoas para a partir dela trabalhar o processo de letramento e processos em níveis posteriores.

A teoria de Paulo Freire fundamenta muitas experiências formativas. É autor clássico constituinte e, portanto, potente para o entendimento das teorias críticas de educação. Para que possamos refletir sobre os conceitos que embasam os processos de aprendizagem presentes em *Pedagogia do Oprimido*, torna-se necessário ampliar compreensões a respeito das noções de conscientização, problematização/reflexividade sobre o mundo da vida, a prática social das pessoas como cenário para o processo educativo e desenvolvimento humano como processo dialético da aprendizagem.

Ernani Fiori, que escreveu a apresentação ao texto de *Pedagogia do Oprimido* afirma que o

método de conscientização de Paulo Freire “[...] refaz criticamente esse processo dialético de historicização. Como todo bom método pedagógico, não pretende ser método de ensino, mas sim de aprendizagem; com ele, o homem não cria sua possibilidade de ser livre, mas aprende a efetivá-la e exercê-la” (1987, p. 18).

3. QUESTÕES PERTINENTES À APRENDIZAGEM PRESENTES EM PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

As questões que dizem respeito à aprendizagem e que estão presentes no texto de Freire serão abordadas a partir de agora, sistematizadas em ideias chaves do autor que perpassam o tema.

3.1 CONSCIENTIZAÇÃO

A conscientização é um conceito fundamental na obra de Paulo Freire, está presente em todo o processo de aprendizagem. Nos registros da *Pedagogia do Oprimido* encontramos o tema bastante trabalhado com explicações sobre o trabalho educativo, a reflexão a partir da realidade e a constituição da consciência crítica. “A consciência é essa misteriosa e contraditória capacidade que tem o homem de distanciar-se das coisas para fazê-las presentes, imediatamente presentes” (FIORI, in FREIRE, 1987, p. 14).

Freitas conceitua conscientização no Dicionário Paulo Freire, dizendo que pode ser compreendida como uma criticização das relações consciência mundo, que a conscientização é a condição para o compromisso humano diante do contexto histórico para fazer e refazer o mundo e assim modificando-se a si mesmos. “A amplitude do conceito também pode ser percebida na *Pedagogia do Oprimido*, obra em que Paulo Freire afirma que a conscientização exige o engajamento da ação transformadora...” (FREITAS, 2010, p. 88). Freitas também nos chama atenção para entender a conscientização na sua dimensão política, mas também epistemológica e estética.

A conscientização requer o desenvolvimento da criticidade que aliada à curiosi-

⁵ Conforme os escritos de Paulo Freire, no livro *Pedagogia da Esperança* (1992).

dade epistemológica, potencializa a criatividade da ação transformadora ante as situações-limite. Criticidade, curiosidade e criatividade integram a complexidade das relações que situam a conscientização no campo das possibilidades e não das certezas, desafiando a autoria do inédito-viável no trabalho de formação com educadores/as (FREITAS, 2010, p. 89).

No que tange à relação das pessoas com o mundo, a ação é essencial, uma vez que desvela as contradições existentes na vida das pessoas, tornando-se objeto de reflexão crítica e referência às mais variadas percepções. Deste prisma, o conhecimento para fazer sentido para vida deve ser objeto de reflexão crítica, as pessoas que aprendem precisam distanciar-se, por exemplo, da linguagem escrita, para a observar como algo construído pelas pessoas e passível de ser codificado. Todo conhecimento, e que para ser trabalhado passa a ser organizado em forma de conceitos essenciais, para serem aprendidos dentro de cada área do conhecimento, precisam ser objeto de reflexão crítica.

A partir do estudo sério da realidade das pessoas que vão passar pelo processo educativo, em que os educadores “vão registrando as expressões do povo; sua linguagem, suas palavras, sua sintaxe... a forma de construir seu pensamento” (FREIRE, 1987, p. 105). Estes estudos sistematizados são devolvidos às pessoas em um processo mediado por um educador com o intuito de que os educandos se tornem mais conscientes da realidade que vivem.

[...] a descodificação é, no fundo, um ato cognoscente, realizado pelos sujeitos descodificadores, e como este ato recai sobre a representação de uma situação concreta, abarca igualmente o ato anterior com o qual os mesmos indivíduos haviam aprendido a mesma realidade, agora representada na codificação (FREIRE, 1987, p. 110).

A realidade observada da vivência e no diálogo com as pessoas retorna a elas, para em um distanciamento realizar o desvelamento desta mesma realidade. Ao apresentar a realidade aos educandos em forma de uma codificação pode e deve ser potencializados os sentidos dos partici-

pantes do momento educativo. “Uma ‘codificação’ pode ser simples ou composta. No primeiro caso, pode-se usar o canal visual, pictórico ou gráfico, o tátil ou o canal auditivo. No segundo, a multiplicidade de canais” (FREIRE, 1987, p. 116-117).

A chegada e a partida de todo processo educativo crítico é a prática social dos sujeitos. No processo educativo há a descodificação das situações limite da realidade, que foram percebidos na pesquisa empreendida pelos educadores. Estas situações limite percebidas no levantamento do universo temático são devolvidas aos sujeitos da realidade para uma compreensão mais crítica mediados pelos conceitos científicos. Frente a uma situação limite, normalmente ocorre um processo de acomodação, porém a metodologia freireana propôs uma compreensão da realidade para a sua superação.

3.2 PROBLEMATIZAÇÃO E REFLEXÃO A PARTIR DA COMPLEXIDADE DA PRÁXIS⁶

A partir da ação entre o educador e o educando, banhados na realidade e perpassado pelo diálogo, as pessoas vão percebendo a si e percebendo a sua ação no mundo. Observam, além disso, com o que se identificam e como se veem na ação. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, p. 78).

E se fazem mais humanos, porque são históricos e não determinados geneticamente ou determinados pela realidade, a partir da ação problematizada e refletida na complexidade do real. Pensam a sua condição de existência nas limitações e possibilidades. “Práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação” (FREIRE, 1987, p. 92).

Estar em processo de aprendizagem sistêmica gera um movimento grande de ação na vida das pessoas. Quando o processo educativo leva em consideração os elementos da vida, para fazer a ligação aos conceitos científicos a serem trabalhados, o que passava despercebido passa a ser visto, o que era considerado difícil de ser

⁶ “A práxis implica a teoria como um conjunto de ideias capazes de interpretar um dado fenômeno ou momento histórico, que, num segundo momento, leva um novo enunciado, em que o sujeito diz a sua palavra sobre o mundo e passa a agir para transformar essa realidade. É uma síntese entre teoria-palavra e ação (ROSSATO, 2010, p. 325).

entendido pode ser conhecido pelos sujeitos do processo educativo, enfim, as pessoas tornam-se mais empoderadas de possibilidades de entendimento.

3.3 O PROCESSO EDUCATIVO E A PRÁTICA SOCIAL DOS SUJEITOS NA SUA RELAÇÃO COM O MUNDO

A relação da pessoa com o mundo, o lugar que é ocupado pelo sujeito nas relações sociais, determina os significados necessários para a vida. É por isso que todo processo educativo tem como ponto de partida as relações das pessoas entre si e com o mundo. “Será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto das aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação [...]” (FREIRE, 1987, p. 86).

O conteúdo programático é algo fundamental no trabalho educativo dialógico e problematizador. Ele é buscado na vida das pessoas, naquela comunidade a ser trabalhada, nas relações que se estabelecem entre as pessoas, se constituindo na devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada” (FREIRE, 1987, p. 84). Paulo Freire em vários momentos do texto da *Pedagogia do Oprimido* demonstra a importância da investigação temática a partir do pensar do povo: “A investigação da temática, repitamos, envolve a investigação do próprio pensar do povo. [...] sempre referido à realidade” (FREIRE, 1987, p. 101).

Os temas se encontram, em última análise, de um lado, envolvidos, de outro, envolvendo as ‘situações limites’, enquanto as tarefas que eles implicam, quando cumpridas, constituem os ‘atos limites’ aos quais nos referimos (FREIRE, 1987, p. 93).

Ao se distanciarem do mundo para observar, as pessoas tornam o mundo algo objetivo a ser analisado, separam a sua atividade de si, ao conseguirem decidir sobre sua atividade a partir de suas relações com o mundo e com os outros, a partir de sua percepção do mundo e das situações

limites ali presentes podem começar a perceber as situações limites como barreiras a serem superadas

As situações existenciais que se farão presentes na atividade educativa serão trabalhadas em sua complexidade de forma interdisciplinar, a fim de não reduzir-se às simplificações.

[...] os temas que foram captados dentro de uma totalidade jamais serão tratados esquematicamente. Seria uma lástima se, depois de investigados na riqueza de sua interpenetração com outros aspectos da realidade, ao serem ‘tratados’, perdessem essa riqueza, esvaziando-se de sua força, na estreiteza dos especialismos (FREIRE, 1987, p. 115).

E mais, “feita a delimitação temática, caberá a cada especialista, dentro de seu campo, apresentar à equipe interdisciplinar o projeto de ‘redução’ de seu tema. (FREIRE, 1987, p. 115) Cada situação de estudo se caracteriza em desafio sobre o qual deve ser trabalhado, para ser conhecido com reflexão crítica dos sujeitos da ação educativa, sem jamais ser reduzido. A compreensão se dá pelas relações complexas daquele tema com os vários aspectos da realidade sempre em interação com a totalidade e com os conhecimentos já sistematizados historicamente.

É importante observar, que o processo educativo inicia e termina na prática social, na vida das pessoas, porém a educação não se restringe à realidade das pessoas. Isto implica pensar nas possibilidades que a ciência e a tecnologia oferecem. Quando um conceito, ou conteúdo científico é trabalhado ele nunca deixe de ter ligação com a realidade, no entanto, vai além dela.

3.4 SER MAIS HUMANO – PRODUTO E PROCESSO DO MOVIMENTO DIALÉTICO DA SOCIEDADE

As pessoas são percebidas como seres em transformação, que se constituem a partir do processo de apropriação que o indivíduo concreto realiza no movimento dialético das relações sócio culturais. Segundo Zitkoski (2010), a dialética proposta por Freire parte da realidade

da desumanização vivida pelas pessoas para a problematização destas vivências, tendo o diálogo como instrumento que possibilita a transformação. Na dialética a partir do diálogo há uma abertura ao outro oportunizando o surgimento do novo nesta relação.

No momento em que estes as percebem não mais como uma 'fronteira entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o mais ser', se fazem cada vez mais críticos na sua ação, ligado àquela percepção. Percepção em que está implícito o inédito viável como algo definido, a cuja concretização se dirigirá sua ação (FREIRE, 1987, p. 94).

As situações-limite da vida das pessoas devem passar a partir do processo educativo, de um beco sem saída a um desafio ao qual as pessoas podem responder, se colocar como sujeitos da ação transformadora.

[...] o aspecto subjetivo toma corpo numa unidade dialética com a dimensão objetiva da própria ideia, isto é, com os conteúdos concretos da realidade sobre a qual exerce o ato cognoscente. Subjetividade e objetividade, desta forma, se encontram naquela unidade dialética de que resulta um conhecer solidário com o atuar e este com aquele (FREIRE, 1987, p. 26).

As noções de interação colocados pelo autor possibilitam reconhecer no semelhante um outro eu e juntos seremos melhores para “reconhecer que a história é um tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável” (FREIRE, 1997, p. 21). Pelo processo educativo é possível perceber-se e fazer-se melhor. Quando aprendemos, o nosso mundo torna-se imensamente maior e passamos a contar com outros contextos, ideias, histórias que podem fazer nossa vida. Aprender é poder contar com mais ferramentas para fazer-se melhor e mudar as ações que empreendemos no mundo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E A RELEVÂNCIA DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

HOJE

Paulo Freire ao escrever *Pedagogia do Oprimido*, não pesquisou a aprendizagem a partir da psicologia humana, portanto, não faz uma análise sistemática dos fatores neurológicos, psíquicos envolvidos no ato de aprender. Porém, a partir da metodologia de trabalho dos círculos de cultura, que foram ambientes de aprendizagem da leitura do mundo e da palavra, a partir das suas reflexões filosóficas da educação tradicional, trouxe ao espaço educacional considerações fundamentais para pensar o processo educativo e a aprendizagem.

Observa-se que, atualmente, ninguém nega a importância do social na constituição humana e, por conseguinte, de sua aprendizagem e Freire demonstra a importância de que antes do trabalho educativo haja um estudo da realidade vivida pelas pessoas e inclusive como percebem esta realidade. A metodologia de trabalho com os grupos, seja em processos formais ou informais⁷, deve utilizar a criatividade humana para ir além da simples memorização do que é repassado por um professor, existem formas incríveis e muito mais produtivas de apresentar às novas gerações os conhecimentos essenciais para a compreensão do mundo.

Outra consideração importante, que Paulo Freire demonstra, é o processo de escolarização ser a possibilidade de a pessoa aprender com os iguais e, ao mesmo tempo com pessoas que proporcionem aos estudantes o acesso ao que a humanidade construiu como conhecimento, ciência e tecnologia. A consciência de si, dos outros os questionamentos às tradições do pensamento e das contradições da sociedade são questões primordiais a serem trabalhadas nos processos de escolarização.

Considero fundamental em *Pedagogia do Oprimido*, e que as escolas devem aprender muito ainda, é a questão de presentificar os preceitos da democracia. E democracia nas relações educacionais significa que há sujeitos diferentes, mas que para a convivência social todos devem respeitar direitos e deveres.

A partir das muitas reflexões possíveis

diante da teoria de Paulo Freire, afirmo que vivemos um tempo em que precisamos reafirmar a solidariedade e a necessidade de ouvi-lo, nas escolas, na sociedade e nos organizar em torno de transformações possíveis e viáveis para o mundo em que vivemos, com rigorosidade metódica, como sempre afirmou Freire, para nos mostrar que não é uma tarefa simples e que não pode ser desenvolvida de qualquer jeito.

Caminhando no sentido da transformação das estruturas de nossa sociedade o que podemos fazer “segunda feira de manhã” (FREIRE, 1990), para que não seja subtraído das pessoas o direito mínimo e fundamental de pensar? Para isto, a consciência crítica da situação vivida é fundamental para que possamos conhecer a realidade em que vivemos. “A vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto...” (FREIRE, 1980, p. 35). O mais difícil para nós, humanos, é justamente entendermos a própria vida e para entendê-la, não é possível com ideias que venham de fora, com ações realizadas sem reflexão, de forma mecânica e atos já inconscientes, é preciso questionar a própria tradição.

Portanto, Paulo Freire, e falo aqui especialmente a *Pedagogia do Oprimido* deve ser lida, traduzida, e apreciada pelas escolas, porque ainda temos muito a aprender com quem fez críticas contundentes e trouxe contribuições importantes à educação escolar. Perceber-se na realidade vivida, com suas tradições e contradições, que seria um avanço na humanização também, proposições fundamentais para a educação ser, na sua melhor forma, a mediadora entre a tradição do pensamento humano e a necessidade de educar as novas gerações.

5. REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos R. Círculo de cultura. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Alfabetização**. Leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Conscientização**. Teoria e prática da libertação. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Conscientização. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides. In ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ZITKOSKI, Jaime J. Dialética. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.